

## A DIFÍCIL ARTE DE EDUCAR!

A educação dos filhos é uma tarefa complexa. As questões do dia-a-dia se convertem em desafios e dificuldades. É importante que se compreenda que é nesse cotidiano da criança – hora de tomar banho, alimentar-se, decidir com que roupa vai à casa da avó, escolher o horário de retornar do passeio – que verdadeiras “guerras” se travam entre pais e filhos. Todavia, é exatamente nessas entrelinhas do corriqueiro que, com suas intervenções, adequadas ou não, os pais e outros adultos que convivem com as crianças vão auxiliando os pequenos na construção de sua personalidade moral, na formação de seu caráter.

Segundo Jean Piaget, “o sujeito é ativo na construção do seu conhecimento e, ao agir sobre o mundo, vai construindo estruturas de inteligência que lhe permitem cada vez mais interagir com objetos e pessoas que o rodeiam, de uma maneira inicialmente sensorial e motora nos dois primeiros anos de vida, até atingir, por um processo de estágios sucessivos e integrados, o pensamento abstrato”. Este último é o que lhe permitirá um raciocínio sobre hipóteses, análogo ao raciocínio científico.

Os valores morais também se constituem em um objeto do conhecimento para as crianças, que para compreendê-los se utilizam de todo esse aparato cognitivo. A construção da moral dependerá de um processo interno de autorregulação, ou seja, de acordo com a vivência com os adultos, os pais e com as outras crianças, elas vão compreendendo o porquê das regras e dessa forma vão se organizando para o autocontrole nos momentos de resolução de conflitos.

Ao afirmar que as crianças pequenas são egocêntricas, Piaget sugere que estas características que compõem o egocentrismo infantil tendem a desaparecer espontaneamente, à medida que esta criança relacionar-se com outras, para que vá tomando consciência da existência de diferentes pontos de vista. Nisso o papel do adulto é fundamental, já que suas atitudes proporcionam à criança tal descentração. Todavia, se o pai acredita que o egocentrismo é normal e não faz nada para que a criança tenha oportunidade de rever o seu ato de consertar o que quebrou, de guardar os seus brinquedos, e, enfim, compreender que não cumpriu uma regra, ela crescerá sob a orientação do “tudo pode”, cujos resultados lhe serão inadequados na formação de seu caráter. A criança não saberá seus limites e não desenvolverá corretamente o processo de autorregulação necessário para a constituição de sua personalidade moral.

O cansaço do dia-a-dia, as dificuldades pessoais, os sentimentos de culpa, entre outros, acabam sendo responsáveis por uma não conservação das regras e combinados com as crianças por parte dos pais. É a partir das intervenções dos adultos mais caros para a criança, que se instaura a moral. Isso significa que os pais precisam ensinar o certo e o errado para as crianças. As regras inegociáveis, como escovar os dentes, dormir na hora adequada, tomar banho, ir para Escola, enfim, regras que implicam na saúde física e psicológica das crianças, precisam ser preservadas.

Talvez seja mais prático gritar, castigar e, nos momentos de crise, os sentimentos tendem a se sobrepor à razão. Porém, quando se quer educar para a autonomia, para a justiça, enfim, formar pessoas conscientes, responsáveis, solidárias, críticas, faz-se necessário que os objetivos estejam bem claros, durante as intervenções do dia-a-dia. É preciso que os pais assumam o papel de adultos da relação. A busca é pelo entendimento da regra, pela compreensão do filho de que todo ato tem consequência. A lei da reciprocidade está implícita, e com ela a idéia da construção da obediência do bem pautada no autocontrole.

**Cecília Dias**  
**Psicóloga**